

IMAGINÁRIO, MEMÓRIA E HISTÓRIAS DE VIDA: narrativas biográficas de egressas do Asilo de Órfãs Felisbina Leivas

PRISCILA DE SOUZA DE AGUIAR¹; LÚCIA MARIA VAZ PERES²

¹Universidade Federal de Pelotas – priscylasouagui@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – lp2709@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido durante o mestrado e aborda a temática da institucionalização de crianças no Brasil. Apresentamos a compreensão do trajeto inicial da História de Vida de mulheres egressas do Asilo de Órfãs Felisbina Leivas (Jaguarão/RS) e a repercussão desta experiência em suas vidas, de forma a evidenciar, através de narrativas biográficas pensadas pelo Imaginário, os processos educativos vivenciados na instituição presentes na memória das egressas, bem como as imagens fundantes.

Neste trabalho partimos do estudo e compreensão da história das instituições de acolhimento infantil no Brasil (RIZZINI e PILOTTI, 2011; SCHUELER, 2011; PASSETTI, 1999); situamos a instituição pesquisada (SOARES, 2004); abordamos brevemente a história das mulheres (PERROT, 2012); tivemos a história de vida como forma de compreensão dos processos de formação (JOSSO 2010); e utilizamos o Imaginário como suporte para a análise (MACHADO DA SILVA 2006; PERES 1999, 2009; BACHELARD 1978, 2009).

2. METODOLOGIA

A ciência do Imaginário e, sobretudo seus estudos critica toda hermenêutica “reduzora” onde a interpretação se resume a um único ponto de vista. Por isso, tais estudos propõe uma hermenêutica “instauradora”, a qual busca amplificar, abrir possibilidades de ler o fenômeno sem julgar e prescrever. Assim Gilbert Durand propôs o método de convergência, que na leitura de Peres (1999) constitui-se na busca por estabelecer relações entre as diferentes modalidades de coleta de dados utilizados no trabalho de campo. Neste usamos: narrativas biográficas (FERRAROTTI, 2010) e histórias transcriadas (MEIHY apud CALDAS, 1999).

Através das narrativas biográficas “as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social” (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002, p. 91). Estas servirão de “material para compreender os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem” (JOSSO, 2010a, p. 35).

Partindo do universo singular procuramos reflexos das marcas deixadas pela institucionalização, acreditamos que “o indivíduo é a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia, podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual” (FERRAROTTI, 2010, p. 45).

As protagonistas deste trabalho são: Ana Paula (A. P.), Carla (C.) e Lenir (L.). Seus nomes foram mantidos com suas autorizações, são suas vidas, seus depoimentos, suas experiências de vida retratadas a partir de meu olhar.

Na primeira etapa da pesquisa o trabalho operacionalizou-se através de uma visita com a egressa ao Asilo, em que foram registradas imagens fotográficas e uma narrativa a partir de uma questão detonadora (PERES, 1999): ‘Registra imagens que te marcaram positiva ou negativamente’.

Abrahão (2006) afirma que a narrativa não é só uma transmissão de informações, mas uma construção da qual participa o próprio investigador, segundo ela isto “caracteriza o processo de pesquisa que consiste em ‘fazer surgir’ histórias de vida em planos históricos ricos de significado” (p. 154).

Na segunda etapa transcrevemos as narrativas e iniciamos o processo que Meihy denomina de textualização, que consiste na organização da narrativa obedecendo a estruturação de um texto, fazendo-se a soma dos assuntos que constituem um argumento pela aglutinação de palavras-chave, as indagações se incorporam à narrativa, a voz do entrevistador é anulada dando espaço à fala do narrador, fazendo a “rearticulação da entrevista de maneira a fazê-la compreensível, literalmente agradável” (MEIHY apud CALDAS, 1999, p. 105).

Após a transcrição e textualização da narrativa, iniciamos o processo de transcrição, que, segundo Meihy (apud CALDAS, 1999, p. 7), procura trazer ao leitor o mundo de sensações provocadas pelo contato do pesquisador com os protagonistas da pesquisa. Trata-se de uma ficcionalidade viva, as sensações migram “do texto para a interpretação; assim como ‘a aura do momento da gravação’ já foi, ao longo do processo, internalizada desde os primeiros trabalhos de criação do texto” (CALDAS, 1999, p. 108).

O processo de transcriar foi considerado neste trabalho um grande exercício de Imaginação Criadora, em que ao falar do outro falo de mim. Estas foram as opções teóricas, metodológicas e de escrita que apresentaram o outro, apresentaram as mulheres da pesquisa e sua vida institucional. Não foi apenas o olhar do pesquisador presente nas narrativas transcritas, textualizadas e transcriadas, este foi visto e carregado da leitura crítica de quem as concedeu, a luz dos estudos do Imaginário.

Ressaltamos a importância da “comunhão dos olhares” entre pesquisador e pesquisado (TIMM, 2012, p. 168, 169, 170), evidenciamos e priorizamos o respeito ao compartilhar a história que é do outro. O retorno das narrativas às egressas teve a seguinte questão: O que das experiências narradas você pensa estar presente em você hoje?

A partir desta, selecionamos fatos pregnantes que emanaram da narrativa, fatos que elas consideraram como constitutivos de sua história de vida. Compomos assim um “material narrativo constituído por recordações consideradas pelos narradores como ‘experiências’ significativas das suas aprendizagens, [...] e das representações que construíram de si mesmos e do seu ambiente humano e natural” (JOSSO, 2010b, p. 47).

A terceira, e última etapa, deu-se de forma a verificar e destacar das narrativas as imagens fundantes (JOSSO, 2010a) e os processos educativos. Para tal identificação realizamos a divisão das narrativas transcriadas de acordo com quatro eixos de análise – escola e trabalho, família, escola e eu.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Narrar, refletir e dar sentido ao relato de sua própria vida como processo autoformativo, foram etapas constituintes deste trabalho que buscou ampliar a visibilidade frente a um universo feminino que fora constituído em instituições de acolhimento. Tornar visíveis estas histórias de vida, por vezes ocultas, acreditamos ser fundamental para a compreensão dos sujeitos singulares, de suas individualidades como peças fundamentais para a compreensão do coletivo, partindo assim do micro para o macro.

Evidenciou-se com a pesquisa a positividade presente na fala das egressas, ter passado pelo Lar consistiu na possibilidade de ter uma vida distinta daquela que lhe fora proporcionada. Estudar, aprender um ofício, ter um convívio

considerado ‘familiar’, valorizar o trabalho, dividir espaços e partilhar aflições, cultivar amizades, são algumas possibilidades que ficaram claras nas narrativas.

As imagens fundantes identificadas nas narrativas estão fortemente associadas ao papel de mãe, a imagem de mãe, a grande função desta para a formação dos indivíduos em questão, nas palavras intensas das três egressas:

Com quatro anos perdi a mãe e não tive apoio de pai [...] Aqui foi minha família, foi minha casa [...] Eu digo para os meus filhos cuidar da mãe, porque mãe é tudo [...] (A.P. 10/06/2012).

Foi uma experiência de vida pra mim em todos os sentidos, Deus me livre eu não abandono meus filhos [...] É essa a lição que eu tenho: nunca abandonar os filhos. (C. 22/06/2012)

[...] o que eu nunca consegui tirar da minha cabeça foi que o meu coração parecia que saia fora da boca quando diziam assim: “A tua mãe está chegando!” [...] quando ela me dava um beijo e ia embora e eu via ela saindo do portão... [...] me dava uma tristeza [...] Essa com certeza foi a recordação que mais me marcou (D. L. 22/07/2013)

As três mulheres, hoje mães, se constituíram pela ausência, seja física ou afetiva, de um ser que lhes fosse referência de acolhimento e amor. Esta imagem impregnou-se e refletiu fortemente sobre suas ações e sobre a forma de criação de seus filhos. No campo do Imaginário a imagem só se torna real e concreta no interior de um campo significativo e de ressignificação.

Ao voltar com os dados às egressas a fim de cotejar o que tinham dito e dar novo significado ao vivido, eis os fatos considerados, pela egressa, como pregnantes e que decorreram da apropriação delas da narrativa transcrita: A.P. – gratidão pela possibilidade de uma vida melhor; C. – responsabilidade para com seus filhos; L. – valorização do amor acima dos bens materiais.

4. CONCLUSÕES

A partir das visitas às memórias da institucionalização percebemos o quanto essa experiência marcou a vida dessas mulheres. Positiva ou negativamente, isto deu-se a medida da importância e das ressignificações que estar no Lar se constituíram para elas em cada momento de sua vida.

O empírico da pesquisa, apontado neste trabalho, mostrou que mesmo com todos os ‘contras’ das experiências negativas vividas no Lar, este constituiu-se como um lugar de proteção, que proporcionava segurança à quem recebia resguardo para a sua vida.

Muitas são as diferenças entre os antigos Asilos e as atuais casas de acolhimento. Atualmente meninos e meninas residem juntos em número reduzido, há vários educadores responsáveis pela manutenção da casa e pela educação das crianças, há uma preocupação com a singularidade, a responsabilidade de manutenção desta é do Estado, tem-se uma superação do antigo formato das instituições de acolhimento.

Porém as vozes de quem lá reside/residiu ainda é negligenciada, isto porque compreendemos que há aspectos que só são compreensíveis quando se leva em conta o ponto de vista dos abrigados (AGUIAR, WÜRDIG, 2011), de quem passou pela experiência asilar, pois na medida em que compreendemos seus modos de viver, agir e compartilhar, há a possibilidade de tornar visível e discutível as infâncias desse grupo social.

Entendemos que torna-se necessário dar continuidade as reflexões aqui apresentadas sobre as memórias biográficas de histórias de vida com entendimento na abordagem do Imaginário, pois muito ainda há para ser compreendido a partir das relações que deram-se nos abrigos. Conhecemos a história das instituições de acolhimento no Brasil, mas pouco se fala das vidas que lá transcorreram, menos ainda a partir de suas vozes.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In: **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Souza, E. C. de e Abrahão, M. H. M. B. (org.). 2006. 149-170p.
- AGUIAR, Priscila de Souza de; WÜRDIG, Rogério Costa. **O olhar das crianças e dos jovens acerca de uma instituição de abrigo**. In. XX Congresso de Iniciação Científica UFPel. Pelotas, 2011. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/cic/2011/anais/pdf/CH/CH_00797.pdf> Acessado em: 23/01/2014.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores). 181-349p.
- _____. **A Poética do Devaneio**. Tradução: Antonio de Pádua Danesi. 3.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. 205p.
- CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade texto e história: para ler a história oral**. São Paulo: Loyola, 1999. 133p.
- FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: **O método (auto)biográfico e a formação**. Nóvoa, A. e Finger, M. (org.). Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. 31-57p.
- JOSSO, Marie-Chistine. **A experiência de vida e formação**. Tradução: José Cláudio; Júlia Ferreira. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2010a, 341p.
- _____. Da formação do sujeito... ao sujeito da formação. In: **O método (auto)biográfico e a formação**. Nóvoa, A. e Finger, M. (org.). Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010b. 59-79p.
- JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. In: Bauer, M. W.; Gaskell, G. (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002. 90-113p.
- MACHADO DA SILVA, Juremir. **As tecnologias do imaginário**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina. 2006, 111p.
- PASSETTI, Edson. Crianças carentes e políticas públicas. In: DEL PRIORE, M. (org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999. 347-375p.
- PERES, Lúcia Maria Vaz. **Dos saberes pessoais à visibilidade de uma pedagogia simbólica**. Porto Alegre: FAGED/UFRGS (tese de doutorado), 1999. 159p.
- PERES, Lúcia Maria Vaz; EGGERT, Edla; KUREK, Deonir Luís (org.). **Essas coisas do imaginário: diferentes abordagens sobre narrativas (auto)formadoras**. São Leopoldo: Oikos, 2009.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução: Angela M. S. Corrêa. 2º Ed. São Paula: Contexto, 2012.
- RIZZINI, Irene e PILOTTI, Francisco (org.). **A arte de governar crianças: a história das políticas sociais, da legislação e da assistência à infância no Brasil**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2011, 335p.
- SCHUELER, Alessandra Frota Martinez de. **Internatos, asilos e instituições disciplinares na história da educação brasileira**. Disponível em: <http://www.educacao.ufrj.br/artigos/n7/numero7-artigo_1_internatos_asilos_e_instituicoes_alessandra_f_m_de_schueler.pdf> Acesso em: 08/11/2011.
- SOARES, Eduardo Alvares de Souza. **Um Século de Beneficência**. Pelotas: EDUCAT, 2004. 116p.
- TIMM, Edgar Zanini. Histórias de vida: alguns aportes filosófico-literários como contribuição à reflexão. In. **Dimensões epistemológicas e metodológicas da pesquisa (auto) biográfica: Tomo I**. Abrahão, M. H. B., Passeggi, M. da C. (org.). Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2012. p. 159-198.